

Malan anuncia nova queda dos juros

■ Taxa será decidida em 28 de janeiro. Gustavo Franco diz que "país é responsável pelos próprios erros" e não pode culpar a Ásia

BRASÍLIA – O ministro da Fazenda, Pedro Malan, informou ontem que o governo vai reduzir as taxas de juros no dia 28 de janeiro, quando está marcada a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). "Daremos continuidade a essa trajetória de declínio das taxas de juros, mas nos reservamos o direito de não alimentar especulações sobre qual é a intensidade dessa queda", afirmou, em entrevista à rádio Jovem Pan, o ministro da Fazenda, para quem a crise asiática ainda vai durar por, no mínimo, mais um ano. O percentual de redução dos juros, segundo ele, será determinado pela conjuntura internacional.

Enquanto o presidente Fernando Henrique Cardoso vê na crise externa o maior problema para o Brasil, conforme declarou ao JORNAL DO BRASIL em entrevista publicada na edição de ontem, o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, sustenta que se o país fracassar será por causa de seus próprios problemas e não por males vindos do exterior.

"O fracasso ocorrerá se o Brasil não for capaz de resolver seus problemas. Problemas que são nossos e não externos. O ataque especulativo não surge a partir de forças malignas externas, mas de fraquezas internas", disse o presidente do Banco Central.

Falta um pedaço – Segundo ele, a lista de problemas a serem resolvidos ainda não está concluída. "O Brasil está tendo um ganho de produtividade que é resultado das reformas que o país já fez. Mas ainda falta outro pedaço", reconheceu. "Acho que estamos em condições de olhar o futuro com otimismo. A América Latina, que trabalhou tanto para se modernizar, está no limiar de um processo de crescimento, enquanto que a Ásia terá que lidar com seus próprios problemas", analisou Gustavo Franco.

Malan disse que o governo deixou claro, após a puxada nos juros em outubro do ano passado, que a partir dali a taxa teria uma trajetória declinante. "É claro que sempre dei-

xamos absolutamente em aberto a velocidade, a intensidade e a graduação", disse o ministro, acrescentando que o comportamento dos juros depende do contexto internacional e da evolução da economia brasileira. Ele lembrou que, após a alta da chamada Taxa Básica de Juros do Banco Central (TBC), que está em 38% ao ano, o Copom já promoveu reduções em novembro e dezembro.

De acordo com Malan, o crescimento da economia brasileira no primeiro trimestre de 1998 não será expressivo, mas começará a se recuperar no segundo trimestre, com continuidade ao longo do ano. Embora tenha dito que o país entrará em 1999 com uma taxa significativa de crescimento, o ministro admitiu que esta será menor do que se esperava, devido à crise. O ministro reconheceu ainda que o Brasil não vai atrair o mesmo volume de financiamentos externos dos últimos anos, que forçará o governo a reduzir os déficits em conta corrente e fiscal em 1998.

Salário mínimo – Com relação ao aumento do salário mínimo, Malan evitou antecipar qual será a proposta do governo. Ele disse que apenas 6% dos trabalhadores com carteira assinada dependem do mínimo, que durante o real teve aumento de 85% contra 9% da cesta básica. "É um objetivo do governo preservar e, na medida do possível, aumentar o poder de compra do salário", disse.

O ministro disse ter confiança na capacidade de o Brasil enfrentar eventuais ataques especulativos, depois da adoção do pacote econômico e com o andamento das reformas estruturais. "Esses testes hoje são quase cotidianos, vivemos sendo testados sistematicamente, nós e qualquer país do mundo com certa relevância do ponto de vista da participação no sistema financeiro internacional", afirmou. De acordo com ele, a política cambial não mudará e acrescentou que o governo continuará a optar por mover a minibanda ao longo do mês.